

O DISCURSO COMO ARMA DE GUERRA PSICOLÓGICA: UMA ANÁLISE DOS DISCURSOS DE WINSTON CHURCHILL DURANTE A BATALHA DA INGLATERRA¹

THE SPEECH AS A WEAPON OF PSYCHOLOGICAL WARFARE: AN ANALYSIS OF WINSTON CHURCHILL'S SPEECHES DURING THE BATTLE OF BRITAIN

Yago Zacarias França²
Julio Cesar Noschang Júnior³

RESUMO

Após os fatos ocorridos na cidade de Dunquerque durante a Segunda Guerra Mundial, teve-se início nos céus ingleses o que veio a ser nomeado como Batalha da Inglaterra. No período de 10 de julho a 31 de outubro, diversas cidades inglesas foram bombardeadas pela Luftwaffe, força aérea alemã, a qual enfrentava diretamente a Royal Air Force britânica. Em meio a todo o caos proporcionado pela doutrina de bombardeio estratégico proposta e seguida pelos nazistas, surgiu na Inglaterra um agente político fundamental ao fim do conflito, o qual se caracterizaria como o alicerce para a manutenção da moral dos ingleses. Winston Churchill tornou-se um destacado fator que influenciou para a vitória inglesa nos embates travados na ilha da Grã-Bretanha, de forma que seus discursos foram de extrema importância para potencializar sua liderança e capacidade persuasiva. Tendo isso em mente, a presente pesquisa realizou a análise dos discursos do referido político no recorte temporal da batalha, tendo como ótica de análise os preceitos teóricos propostos pelos estudos de guerra psicológica e utilizando a metodologia da hermenêutica profunda como ferramenta para tal. O estudo tem como método de pesquisa a análise bibliográfica e documental dos referidos fatos históricos, sendo esta abordagem realizada devido a grande relevância dos acontecimentos expostos e a possibilidade de se ampliar os conhecimentos da área.

Palavras-chave: Batalha da Inglaterra; Discurso; Guerra psicológica; Winston Churchill.

¹Artigo de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Formação de Oficiais Aviadores (CFOAv) da Academia da Força Aérea (AFA).

² Cadete Aviador do 4º Esquadrão (Turma Árion, 2024).

³Tenente Coronel Aviador, possui graduação em Ciências Aeronáuticas pela Academia da Força Aérea (2003). Pós Graduado Lato Sensu em História Militar pela Universidade do Sul de Santa Catarina (2011) e em Gestão Pública e Emprego da Força Aérea pela Universidade da Força Aérea (2014). Mestre em Ciências Aeroespaciais pela Universidade da Força Aérea (2018).

ABSTRACT

After the events in the city of Dunkirk during World War II, the Battle of Britain commenced in the skies over England. From July 10th to October 31st, various English cities were bombarded by the Luftwaffe, the German air force, which directly confronted the British Royal Air Force. Amidst the chaos caused by the strategic bombing doctrine proposed and followed by the Nazis, a key political figure emerged in England, crucial to the end of the conflict, serving as the foundation for maintaining the morale of the English people. Winston Churchill became a prominent factor that influenced the English victory in the battles fought on the island of Great Britain, and his speeches were of utmost importance in enhancing his leadership and persuasive ability. With this in mind, the present research analyzes the speeches of the mentioned politician within the timeframe of the battle, using the theoretical precepts proposed by the studies of psychological warfare and employing deep hermeneutics as a tool for analysis. The study employs bibliographic and documentary analysis of the historical facts, as this approach is chosen because of the significant relevance of the events discussed and the potential to expand knowledge in the field.

Keywords: Battle of Britain; Speech; Psychological warfare; Winston Churchill.

INTRODUÇÃO

Após os fatos ocorridos na cidade de Dunquerque durante a Segunda Guerra mundial, a Alemanha nazista dominou os territórios franceses, configurando a conquista de quase todos os opositores da Europa Continental e um momento crítico e decisivo nos rumos da Guerra. Com a retirada das tropas aliadas da França e o retorno à ilha da Grã Bretanha, a Inglaterra passava a ser a última barreira ao nazismo na Europa Ocidental, de modo que se iniciava um dos períodos mais difíceis da história desse país. No período de 10 de julho a 31 de outubro de 1940, aconteceram diversos embates aéreos, os quais foram conhecidos como a Batalha da Inglaterra (Fields, 2002).

Diante dos resultados ocorridos na batalha da França, Hitler e seus líderes militares elaboraram a Operação Leão Marinho, a qual tinha como objetivo final a invasão da ilha bretã por parte dos nazistas. Para tal foi definido que a força aérea alemã, a Luftwaffe, teria função destaque, sendo a vanguarda da investida nazista, de modo que deveria promover o domínio necessário para que as demais forças viessem em seguida e dessem continuidade a invasão (Griess; Buell, 2002, p. 90-91). Inicialmente a Luftwaffe focou nos ataques a alvos navais, como comboios e portos, no Canal da Mancha entre o final de julho e início de agosto. No decorrer do mês de agosto foram realizados diversos bombardeios com foco em alvos militares, como fábricas de aeronaves e aeródromos. A partir do final de agosto, devido ao bombardeio ocasional, do dia 24 deste mês, feito

pelos ingleses em Berlin, as frotas da Luftwaffe passaram a focar seus ataques sob cidades bretãs, bombardeando alvos civis (Griess; Buell, 2002, p. 78).

A ofensiva alemã foi formulada a partir das teorias de Douhet que previam a formação de uma força aérea e de ataques aéreos tendo como base a utilização de bombardeios estratégicos, tendo isso ocorrido após os bombardeios ingleses em Berlim no dia 24 de agosto (Griess; Buell, 2002, p. 57). O objetivo desta doutrina de emprego seria submeter o inimigo a ataques massivos que pudessem proporcionar uma perda do moral por parte da população para que então prejudicasse as forças militares inimigas (Rosa, 2014, p. 54).

Durante os embates aéreos, diversas cidades inglesas foram bombardeadas, tendo Londres sido o principal alvo dos alemães, de modo que foi a região que mais sofreu com perdas, totalizando 30 mil baixas e cerca de 51 mil feridos (Fields, 2002, p.12). Ao longo de todo o embate, populações civis foram bombardeadas massivamente e foram forçadas a utilizarem abrigos no subsolo. Nesse contexto, o moral do povo britânico, o qual estava disposto a resistir frente à liderança de Churchill, constituiu um dos principais fatores que determinaram a vitória para a Inglaterra (Da Costa, 2012).

Conforme conceitua a DCA 1-1 da Força Aérea Brasileira (BRASIL, 2020) o conceito de moral é o estado de atitude mental de um grupo de indivíduos, devendo este estar sob atenção contínua por ser uma potencial influência a motivação desse conjunto. A manutenção do moral pode afetar positiva ou negativamente a conquista de objetivos de campanhas militares, de modo a ser atingido mediante uma boa liderança, disciplina e senso de propósito, constituindo, então, um dos principais princípios de guerra.

Sendo assim, em um momento em que havia um grande temor frente a possibilidade de uma invasão à Grã Bretanha devido à visível superioridade alemã, Winston Churchill surge como um alicerce que se mostrou capaz de unir o povo inglês e evitar seu colapso moral. Impulsionando os aliados para a vitória final nesse embate, refletiu ao mundo um destacado poder de liderança, apoiado por sua oratória e espírito vencedor.

As operações de guerra psicológica, nesse contexto, caracterizam-se como os diversos procedimentos adotados e elaborados para que determinado público atinja um comportamento desejado previamente, seja esse público amigo, inimigo ou hostil, com vista a cumprir um determinado objetivo militar e/ou político (Linebarger, 1962). Sendo assim, durante as guerras um dos maiores recursos utilizados pelas lideranças políticas e militares é a tentativa de conquistar o apoio e a simpatia do público alvo. Nesse ponto de vista as guerras tornam-se verdadeiras batalhas

ideológicas, em que o principal objetivo é a persuasão da mente humana, utilizando da opinião pública como verdadeira arma de guerra psicológica (Kuhn, 2006).

Diante dessa perspectiva, este trabalho busca responder o seguinte problema: **em que medida os discursos de Winston Churchill, durante o contexto da Batalha da Inglaterra, configuram elementos de guerra psicológica?** Tendo como objetivo geral da pesquisa identificar esses elementos de guerra psicológica presente nos discursos. Sendo assim, como forma de atender a este objetivo geral e a pergunta de pesquisa, os objetivos específicos explorados são os de averiguar como o discurso político pode ser arraigado como arma de guerra psicológica e de verificar os elementos de comunicação persuasiva presentes nos discursos proferidos.

Tendo isso em mente, o corrente trabalho traz uma nova abordagem para a análise dos discursos realizados por Winston Churchill no período de 10 de julho a 31 de outubro de 1940, sendo capaz de ampliar os conhecimentos a respeito do uso de métodos persuasivos em pronunciamentos e falas políticas em períodos de atrito internacional, residindo aí a grande relevância dos assuntos abordados. Portanto, a presente pesquisa é justificada por trazer à tona um arcabouço teórico e prático para realizar o estudo, a interpretação e a identificação desses elementos persuasivos e de guerra psicológica presentes em discursos políticos relevantes em situações conflituosas.

1 REFERENCIAL TEÓRICO

1.1 ÓTICA DA GUERRA PSICOLÓGICA E PERSUASÃO

Tendo em mente que o objetivo central do presente trabalho é realizar a análise discursiva dos pronunciamentos de Winston Churchill no recorte temporal Batalha da Inglaterra para buscar identificar conceitos da guerra psicológica presentes nos pronunciamentos, faz-se necessário inicialmente apresentar os conceitos de guerra psicológica e persuasão que serão utilizados para realizar, a posteriori, a análise formal dos discursos, de modo expôr a lente interpretativa empregada para tal.

Os estudos relativos à persuasão de massa e operações psicológicas iniciaram por volta de 1949 com a Teoria Matemática da Comunicação ou Teoria da Informação, elaboradas por Shannon e Weaver. Esses estudos apontam a comunicação como um sistema no qual o transmissor reúne a

mensagem desejada a ser passada aos ouvintes dentre um conjunto de informações codificadas, transmitindo-a por meio de um canal a um determinado destinatário (Araújo, 2001).

Um dos principais fatores que motivaram o prosseguimento das pesquisas relativas à comunicação foi a ocorrência na Europa das duas Grandes Guerras Mundiais, em que, em um cenário onde campanhas persuasivas foram utilizadas como arma de guerra, surgiu nos Estados Unidos o campo de estudo denominado *Mass Communication Research*. O cenário de guerra em que esse campo científico foi desenvolvido estimulou sua aplicação em propagandas, com especial atenção para os recursos psicológicos e retóricos aplicados para a persuasão (Araújo, 2001).

A partir disso, a persuasão pode ser entendida como uma atividade consciente de comunicação na qual os transmissores buscam influenciar o comportamento dos destinatários da mensagem com um objetivo pré determinado. Logo, o objetivo da mensagem persuasiva seria promover mudanças determinadas em comportamentos. Segundo Kuhn (2006, p. 17) a atividade persuasiva é “elaborada na ação comunicativa dos meios de massas e utiliza a informação como matéria-prima para produzir efeitos de sentido entre os receptores. Porém, durante muito tempo, essa prática esteve inserida nos estudos de oratória, sendo a palavra o instrumento primordial da persuasão”.

Sendo assim, as diversas campanhas e discursos que utilizam-se de recurso persuasivos podem se utilizar de seis técnicas de retórica persuasiva, sendo elas: a exploração de sentimentos, a simplificação, o exagero e a desvirtuação, a repetição “orquestrada”, a exploração do contágio psíquico e o apoio a atitudes preexistentes (Roiz, 1996, p. 54). Apesar disso, as técnicas de persuasão para alterar comportamentos não garantem o êxito de uma prática persuasiva, tendo em vista que existem um série de outros fatores externos que podem influenciar a mente humana, como condição social e personalidade do indivíduo (Roiz, 1996, p. 54).

A exploração de sentimentos busca se utilizar da emoção para persuadir o receptor, sendo capaz de produzir uma euforia acrítica capaz de modificar o comportamento. Para se alcançar o objetivo final, o emissor pode omitir informações na mensagem, incluindo ou dando ênfase a determinado aspecto específico. Pode-se também utilizar de meias verdades ou ainda argumentos falsos ou enganosos (Roiz, 1996).

A simplificação explora o fato da tendência geral de se simplificar problemas ou fatos, dessa forma o emissor leva o receptor a condensar um fato ou problema, tendo uma interpretação mais superficial sobre ele. Utiliza-se nesta técnica de persuasão a divulgação de *slogans*, símbolos sonoros e signos gráficos (Roiz, 1996).

O exagero e a desvirtuação da informação busca afetar os dados de referência de uma determinada fonte, podendo ser aplicada a partir da transmissão de informações pouco objetivas com conteúdo ideológico, político ou comercial enraizado. Nesta utilização da persuasão realiza-se comumente artifícios como juízo de valor, cinismo e até mesmo humor para modificar o sentido original da fonte (Roiz, 1996).

A repetição “orquestrada” de ideias utiliza da repetição progressiva de temas e juízos de valor sobre uma área já abordada. Sua utilização é específica para cada público que se deseja atingir (Roiz, 1996).

A exploração do contágio psíquico surge a partir da formação de pressões sociais, de modo que os indivíduos passam a ceder a determinada agenda pela tendência de acompanhar as decisões do grupo. Dessa forma, a partir da coerção social cria-se uma ilusão de unanimidade, a qual modifica comportamentos e atitudes em um indivíduo de determinado público (Roiz, 1996).

O apoio a atitudes preexistentes parte do pressuposto que em toda comunicação com intuito persuasivo existem preconceitos e ideias pré-formadas no público, muitas vezes étnicas e patrióticas. Sendo assim o emissor busca identificar esses pontos e passa a explorá-los e difundi-los como forma de persuadir o grupo (Roiz, 1996).

A partir disso, identifica-se o conceito de comunicação persuasiva como sendo correlato aos preceitos de guerra psicológica, uma vez que esta, firmando-se em análises da psicologia, tem como objetivo atingir uma meta operacional ou militar utilizando-se de meios persuasivos, conforme preceitua Linebarger em

A guerra psicológica, em sentido lato, consiste na aplicação, à conduta da guerra, da ciência denominada Psicologia ; em sentido restrito, ela compreende o emprego da propaganda contra um inimigo, conjuntamente com as medidas militares operacionais suscetíveis de suplantar a propaganda. A propaganda pode ser descrita, por sua vez, como persuasão organizadora por meios não violentos. A guerra propriamente dita pode ser encarada como sendo, entre outras coisas, uma forma violenta de persuasão (Linebarger, 1962, p.69).

Segundo Linebarger (1962), dependendo do público em que a comunicação persuasiva incide surgem dois conceitos correlatos, o de guerra psicológica e o de relações públicas. O primeiro foca seus esforços sob o inimigo e o segundo sob sua própria população. As relações públicas têm seu alicerce no fato de que as notícias e informações transmitidas devem ser tão completas, claras e objetivas quanto a segurança militar permita, devendo buscar robustecer a confiança do povo frente a suas forças armadas, não devendo auxiliar o moral inimigo. Além disso,

não se pode separar os conceitos de guerra psicológica e os de relações públicas, caso sejam identificados seus elementos nos mesmos meios de transmissão (Linebarger, 1962).

Além da utilização da guerra psicológica como elemento de relações públicas, ela também é aplicada em serviços de manutenção do moral. Esses serviços podem ser uma importante fonte de defesa ostensiva contra as medidas de guerra psicológica inimiga, uma vez que estão destinados a reter a atenção do público amigo (Linebarger, 1962).

A partir do pressuposto de que a guerra psicológica visa obter vantagens militares sem a mobilização de meios da força, os elementos da guerra psicológica, também compreendida como propaganda militar, podem ser identificados a partir de três formas: identificação de sobre o que se está tratando; determinação de autoridades e tarefas subentendidas em um determinada missão; e enunciado os resultados que podem ser atingidos com os meios que se foram despendidos na ação (Linebarger, 1962).

Sendo assim Linebarger conceitua que “a propaganda militar consiste no emprego planejado de qualquer forma de comunicação destinada a afetar ideias e emoções de um dado grupo inimigo, neutro ou amigo, com uma determinada finalidade estratégica ou tática”. A propaganda militar dessa forma é explorada a partir de cinco êgides de análise principais: Fonte, Oportunidade, Público, Assunto e Missão (Linebarger, 1962).

Quanto às fontes, elas podem ser ostensivas ou forjadas. As fontes ostensivas são utilizadas pelos meios oficiais de governos, tendo como o transmissor de preferências pessoas com renome internacional capazes de impulsionar efeito máximo aos recursos do governos. As fontes forjadas surgem de meios de transmissão não oficiais. Já as propagandas como meio, “braços”, da guerra psicológica podem ser categorizadas como propagandas estratégicas, táticas, ofensiva, defensiva, conversão, divisionista, consolidação e contrapropaganda (Linebarger, 1962).

A propaganda estratégica é elaborada para produzir efeitos psicológicos no inimigo a longo prazo, de modo a desgastar e causar mudanças psicológicas nele. Não causa efeitos imediatos visíveis. A propaganda tática é, ao contrário da estratégica, utilizada para cumprir um determinado objetivo de curto prazo sobre as forças inimigas ou amigas. Sendo assim esses dois tipos são definidos conforme Linebarger como

Propaganda estratégica é a dirigida contra populações ou forças do inimigo, ou áreas por este ocupadas, com sua totalidade, em coordenação com o planejamento estratégico - destinado a obter resultados planejados e procurados durante e após, meses ou anos. Propaganda tática é a dirigida contra determinados públicos, geralmente especificados, e é preparada e executada em apoio a operações de combate locais (Linebarger, 1962, p. 107).

Propaganda defensiva é a destinada a fortalecer uma ação social previamente estabelecida, mantendo os costumes e práticas já reinantes em uma determinada população, como o apoio a instituições ou outras ações públicas. Propaganda ofensiva é aquela feita para causar uma mudança na ação social do grupo, predispondo e tornando aceitável uma prática social requerida pelo propagandista, utilizando-se de meios revolucionários, bélicos ou diplomáticos (Linebarger, 1962, p. 108).

Propaganda de conversão é a empregada para causar uma mudança no apoio emocional de determinada população de uma ideia para outra requerida pelo propagandista. Propaganda divisionista é a empregada para gerar divisão nas ideias defendidas por um grupo inimigo, de modo a fracionar as forças inimigas ideologicamente (Linebarger, 1962, p. 109).

Propaganda de consolidação é a destinada à utilização em áreas de ocupação militar, com o fim de garantir a obediência às ideias e normas defendidas pelo governo local, trazendo apoio à ideologia defendida pelas autoridades. A Contrapropaganda tem como finalidade rebater uma ideia difundida pelo inimigo, de modo a “blindar” a população amiga contra as ideologias inimigas (Linebarger, 1962, p.109).

A partir desta égide, verifica-se a implementação dos governos e governantes na utilização da propaganda e da guerra psicológica de modo a auxiliar suas políticas nacionais, conforme Linebarger conceituou que:

A guerra política consiste em estruturar a política nacional de maneira a auxiliar as operações de propaganda ou militares, seja com respeito às relações políticas diretas dos governos entre si, seja em face de reações com grupos de natureza política (Linebarger, 1962, p.110).

2 METODOLOGIA DE ANÁLISE DE DISCURSO

Uma vez exposta a ótica e a lente pela qual será realizada a interpretação dos discursos, faz-se necessário a escolha de um método de análise discursiva plausível, o qual leve em conta o peso histórico dos fatos observados. Desse modo, a metodologia investigativa de interpretação de discurso utilizada foi a Hermenêutica Profunda proposta por John B Thompson. Por meio desse método foi possível explorar os excertos dos pronunciamentos realizados pelo líder político, analisando as conceituações teóricas identificadas, de modo a presumir em que medida os conceitos de Linebarger e Roiz estiveram arraigados nos discursos de Churchill. Esses pronunciamentos foram retirados da obra *Never Give in: Winston Churchill Speeches* de sua própria autoria. Sendo assim, os métodos de pesquisa utilizados foram os de revisão bibliográfica e documental, de modo

que foi realizada uma análise qualitativa, em que foram retirados dados para análise histórica, para o estudo de operações psicológicas e para coleta dos discursos realizados por Churchill em artigos e fontes de domínio público.

Durante suas pesquisas Thompson questiona “Por que a hermenêutica? O que essa antiga tradição de pensamento, proveniente da Grécia Clássica, tem a oferecer a um estudioso da cultura moderna?” (Thompson, 2011, p. 32). Este questionamento é respondido pelo fato de que a hermenêutica de profundidade pode propiciar ao pesquisador uma análise sócio-histórica dos fatos, discurso ou signos linguísticos a serem estudados. Diferentemente das análises das ciências naturais, seu campo-objeto de estudo é campo-sujeito, uma análise mais subjetiva dos transcritos, tendo os usuários da hermenêutica interesses em entender a si mesmos e aos outros, de modo que é realizada uma interpretação dos objetos de estudo. Em outras palavras, o campo da análise sócio-histórica é uma reinterpretação, de maneira que esse tipo de pesquisa busca compreender fatos já estudados e até mesmo arraigados na cultura, reinterpretando um domínio sócio-histórico já conhecido (Thompson, 2011, p. 32-33).

A hermenêutica, então, constitui-se como um referencial metodológico e teórico para realizar a análise de signos linguístico, discursos, em contextos históricos já estruturados e anteriormente estudados. Logo, ela busca reinterpretar elementos e fenômenos relevantes e de significância, trazendo novos pontos de análise. Para esse tipo de pesquisa, esse método é dividido em três fases (Thompson, 2011, p. 33).

A primeira fase da teoria proposta por Thompson busca realizar o recorte histórico e social em que o objeto de estudo se encontra. Esta fase é de primordial importância, visto que os fatos e discursos históricos estão inseridos em todo um contexto social da época, não podendo ser descartado. Logo, o enfoque inicial é reconstruir essas circunstâncias sociais e históricas envolvidas no processo de criação, transmissão, divulgação e recepção da forma simbólica, sendo esta emitida de forma verbal, narrativa escrita ou inscrita, e recebida de forma visual ou auditiva. Esses eventos de transmissão ocorrem em momentos e espaços particulares, onde os receptores agem e reagem de maneira particular. A reconstrução desses contextos faz parte da abordagem sócio-histórica da hermenêutica, pois os discursos são produzidos e absorvidos em situações com características espaço-temporais a serem analisadas e descritas (Thompson, 2011, p. 366).

A segunda fase da teoria é a análise formal ou discursiva, a qual busca realizar o estudo das formas simbólicas, fragmentos das construções léxico-semânticas do discurso. Estas construções têm, em virtude de suas características, a capacidade de levar, afirmar, representar e

ressignificar conceitos. Essas formas simbólicas exigem a interpretação aguda, analítica e estrutural, procurando identificar padrões e relações. A análise discursiva pode ser feita de diversas formas, dentre elas a análise semiótica, análise da conversação, análise sintática, análise da estrutura narrativa e a análise argumentativa (Thompson, 2011, p. 370). Devido à natureza do corrente trabalho e à maior relevância narrativa e argumentativa no tratamento dos objetos de estudo, foram utilizadas as duas últimas óticas de análise.

Sendo bastante utilizada no estudo do discurso político, a análise da estrutura narrativa é o enfoque adotado para verificar como o discurso está contando, ou narrando, determinada sequência de acontecimentos. Com esse ponto de vista, pode-se identificar o papel das formas simbólicas na narrativa pronunciada ou seus efeitos narrativos (Thompson, 2011, p. 373).

A análise argumentativa tem como objetivo expor e tornar visíveis os padrões lógicos de dedução ou indução presentes no discurso. Alguns métodos permitem que o analista divida o discurso em conjuntos de declarações, organizadas em torno de temas, o que possibilita mapear suas relações internas. (Thompson, 2011, p. 374). Essa abordagem crítica é especialmente valiosa na investigação de discursos de natureza política, já que esse tipo de comunicação é construído com argumentos, proposições, declarações, tópicos ou temas que se conectam de forma aparentemente coerente, com a meta de persuadir uma audiência utilizando recursos retóricos, conforme é enunciado por Thompson

A análise argumentativa é particularmente útil para o estudo do discurso abertamente político, isto é, as falas no discurso de ministros oficiais ou governamentais que exercem poder dentro do estado nação moderno, pois tal discurso é muitas vezes apresentado na forma de argumento, uma série de proposições ou asserções, tópicos ou temas, encadeados conjuntamente de uma maneira mais ou menos coerente e procurando, muitas vezes com a ajuda de adornos retóricos, persuadir uma audiência. Se tal argumento é um bom argumento, e se as pessoas que compõem a audiência são realmente persuadidas por ele, são questões importantes levantadas pela análise argumentativa, mas são questões que nos conduzem além dessa fase particular do enfoque da HP (Thompson, 2011, p. 374-375).

A terceira e última fase da hermenêutica na análise discursiva é interpretação ou reinterpretação dos fatos, já facilitada e iniciada pelos passos anteriores. O objetivo, neste momento, é desconstruir, fragmentar e subdividir os excertos do discurso de modo a realizar uma análise mais aguda, procurando identificar padrões lógicos e efeitos desejados pelo emissor que estão operando na ação discursiva. Essa interpretação ocorre por síntese, de modo a identificar e destacar possíveis significados desejados. Thompson afirma ainda que após se realizar a reinterpretação pode-se até

mesmo identificar nas formas simbólicas do discurso tentativas de dominação a partir da persuasão (Thompson, 2011, p. 375-376).

Dessa forma, a hermenêutica profunda tem por finalidade estudar as comunicações de massa a partir de três pontos definidos por Thompson como enfoque tríplice. O primeiro objeto de estudo é a produção e transmissão dos discursos, estando diretamente relacionado com a fase da análise sócio-histórica. O segundo é a construção da forma simbólica, buscando compreender sua complexidade e construção da mensagem pelos meios de comunicação, de modo a estar associada à fase da análise formal ou discursiva. Por último, a recepção e apropriação das mensagens, uma vez que os discursos são emitidos à pessoas em diversos locais, condições e contextos específicos, devendo isso ser levado em conta na última fase, a interpretação (Thompson, 2011, p. 392).

3 DESENVOLVIMENTO

3.1 ANÁLISE SÓCIO-HISTÓRICA GERAL

Iniciando o método de análise proposto pela hermenêutica profunda de Thompson, faz-se necessário realizar, previamente à análise discursiva propriamente dita, um aprofundamento sócio-histórico como forma de gerar uma consciência situacional a respeito dos conteúdos dos pronunciamentos (Thompson, 2011, p.366).

Sendo assim, no contexto das guerras políticas travadas no século XX entram em foco os acontecimentos relativos à Segunda Guerra Mundial. Durante o referido momento histórico, após os fatos remetentes à Retirada de Dunquerque, ocorreu nos céus ingleses o que foi chamado de Batalha da Inglaterra, na qual as forças nazistas planejaram uma ofensiva, que seria conhecida como Operação Leão Marinho (Fields, 2002). A força aérea alemã seguia e aderiu a algumas teorias do italiano Douhet, acreditando no fato de que o primeiro passo para uma campanha militar seria a conquista da superioridade aérea. Dessa forma, havia a visão de que a forma mais eficiente para se atingir essa superioridade seria a destruição do poder aéreo inimigo ainda no solo, o que levou as lideranças da Luftwaffe a priorizar o bombardeio frente aos combates ar-ar. A doutrina alemã diferenciava-se ligeiramente de Douhet no fato de que se pensava a força aérea como um meio auxiliar ao exército, o qual seria a força principal. Nos acontecimentos relativos à Batalha da Inglaterra, pensava-se, então, que o emprego do poder aéreo seria o primeiro passo para a concretização da operação Leão Marinho (Griess; Buell, 2002, p. 68).

Dessa forma, estava imensamente arraigado no pensamento operacional da Luftwaffe as teorias douhetianas. Essas teorias pregavam que o emprego e uso dos bombardeios teriam como principal objetivo destruir o moral do povo inimigo como forma de pressionar suas lideranças políticas, ocasionando grandes danos psicológicos ao país rival (Rosa, 2014, p.53). Sobre as ideias de Douhet a respeito do abalo do moral da população durante os bombardeios estratégicos pelas forças aéreas, Griess e Buell afirmam que

Uma vez que o objetivo inicial imutável for alcançado (a destruição do poder aéreo inimigo), a força aérea vitoriosa estará livre para explorar sua superioridade aérea à vontade. A forma mais frutífera de exploração seria um ataque aos centros populacionais do inimigo, porque o moral civil é inerentemente frágil. Esta é realmente a forma mais humana de guerra, também, porque evita o banho de sangue, como o que a Europa suportou na frente ocidental na Primeira Guerra Mundial. Além disso, o moral civil é tão frágil que não será necessário muita morte e destruição antes que a população se revolte contra sua liderança e force esta a pedir a paz, talvez a mera ameaça de ataques aéreos seja suficiente. (Griess; Buell, 2002, p. 57, tradução nossa).

A Batalha da Inglaterra passou por períodos marcantes podendo serem resumidas da seguinte maneira: inicialmente ocorreu, de 8 a 18 de agosto, ataques a portos, aeródromos no sudeste da Inglaterra e comboios marítimos, caracterizando busca por alvos navais; posteriormente, de 19 de agosto a 5 de setembro, foi caracterizada por ataques alemães a campos localizados no interior e alvos militares, como indústrias aeronáuticas e aeródromos; em seguida, de 6 de setembro a 5 de outubro, foram realizados bombardeios significativos a Londres e as demais cidades inglesas; e por último, de 6 a 31 de outubro, a Inglaterra foi submetida e alvejada com vários ataques noturnos. É importante mencionar que os intensos ataques a Londres foram uma resposta aos bombardeios ingleses a Berlim nos dias 24 e 25 de agosto (Griess; Buell, 2002).

Nesse período, toda a Inglaterra foi severamente bombardeada, tendo sido Londres um dos principais alvos. Durante o embate houveram cerca de 30 mil mortos e mais de 51 mil pessoas feridas gravemente, no entanto, devido à imagem de Londres como sendo um pesadelo defensivo, haviam expectativas para perdas substancialmente maiores durante o início do conflito. Contemporâneos afirmavam que o início dessa batalha poderia levar a cerca de 600 mil mortos em toda a ilha, além do especialista militar Basil Liddel Hart especular que poderiam ocorrer 250 mil mortos na primeira semana de conflito (Fields, 2002).

Diante de todos esses prospectos referentes à guerra vindoura, Winston Churchill sugeriu em assembleia frente à Câmara dos Comuns em novembro de 1934 que um possível conflito aéreo em Londres levaria cerca de 3 a 4 milhões de pessoas a evacuarem os terrenos londrinos para campos

abertos e abrigos. Logo quando se iniciou o conflito, medidas por parte do governo inglês foram tomadas de imediato, de modo que aproximadamente 1,4 milhões de pessoas foram evacuadas de suas casas. Houveram problemas logísticos nessa operação, com cidades como Birmingham e Coventry tendo grandes problemas com superlotação de abrigos (Fields, 2002).

Dessa forma, fica nítido que existiam várias questões fundamentais relacionadas ao problema em questão: a personalidade dos líderes principais, a intenção nazista de invadir a Inglaterra após a Retirada de Dunquerque, utilizando aeródromos costeiros para obter superioridade aérea, a execução da mencionada "Operação Leão Marinho", e, por fim, o moral do povo britânico, disposto a lutar sob a liderança de Churchill. Assim, na Batalha da Inglaterra, houve uma inter-relação entre os fatores político, militar e populacional, interligados, com destaque para o papel crucial do componente "povo" no caso dos britânicos.

3.2 PERFIL DE WINSTON CHURCHILL

Uma vez que o corrente método de pesquisa e análise discursiva, a hermenêutica de profundidade, prevê a realização de uma análise sócio-histórica inicial para o aprofundamento do estudo dos pronunciamentos, é necessário discorrer sobre o emissor dos discursos como forma de enriquecer esse processo.

Winston Spencer Churchill nasceu na cidade Woodstock, Oxfordshire, no Palácio de Blenheim, em 30 de novembro de 1874 e era o filho mais velho de Lord Randolph Churchill, político e membro da Câmara dos Comuns, com uma americana, Miss Jennie Jerome (Enright, 2009, p.9).

Estudou inicialmente na *Harrow School* e posteriormente ingressou na carreira militar, adentrando as fileiras das forças armadas inglesas na *Royal Military Academy* em Sandhurst. Serviu posteriormente na Índia e participou das Forças Expedicionárias no Nilo e no Sudão em 1898, quando estava adido ao grupamento de cavalaria na Batalha de Omdurman. Atuou como correspondente jornalístico de guerra durante a Guerra de Bôers, de 1899 a 1901, período no qual o blindado em que estava foi capturado durante uma emboscada, de modo que realizou uma fuga e teve de retornar às linhas amigas meses depois (Enright, 2009, p. 9).

Churchill ingressou na política em 1900, tendo conquistado sua vaga na Câmara dos Comuns em 1904. Desempenhou diversos cargos no poder executivo, dentre eles ministro do interior em 1910, primeiro lorde do almirantado em 1911. Foi um duro crítico da postura do então

governo inglês nos primeiros anos referentes à Segunda Guerra mundial, de modo a tecer diversos alertas a seus companheiros na câmara a respeito do rearmamento e expansionismo alemão nos prelúdios da guerra. Em sua obra, Enright afirma, sobre a ascensão de Churchill a primeiro ministro, que

A queda da Noruega em maio de 1940 e a visível ameaça às forças inglesas na França e à própria Inglaterra resultaram num voto de desconfiança ao governo chefiado por Neville Chamberlain, e Churchill o substituiu como primeiro-ministro, organizando de imediato um governo de coalizão. Malgrado os desastres na Bélgica e na França, a vitória na Batalha da Inglaterra, seguida de êxitos marítimos e no Norte da África, ajudou a levantar o moral da nação, com a inestimável colaboração da liderança e oratória de Churchill (Enright, 2009, p.11).

Após a Primeira Grande Guerra e a derrota da Alemanha, os aliados assinaram um tratado de paz que acabou criando um cenário propício para conflitos futuros. A França, liderada pelo Primeiro Ministro Georges Clemenceau, buscava enfraquecer a Alemanha, impondo-lhe restrições e reparações pesadas com o Tratado de Versalhes. O ressentimento alemão criou um ambiente propício para que Hitler emergisse do anonimato e construísse um movimento de massa, aproveitando-se do desânimo nacional. Usando discursos repetitivos sobre o Tratado de Versalhes, devido à baixa retaliação dos governantes europeus, com destaque ao então primeiro-ministro britânico Chamberlain, Hitler atraiu seguidores e deu início à Segunda Grande Guerra, cujas bases foram lançadas na Galeria dos Espelhos do Palácio de Versalhes. Sendo assim, as raízes para a Segunda Grande Guerra surgiram sob os ares da vitória aliada em 1918 (Buchanan, 2009, p.95-98).

Nesse cenário, Churchill emergiu como a figura indispensável a qual teve importante papel na preservação da civilização ocidental. Na ausência de Churchill, teria ocorrido a possibilidade de um acordo de paz entre a Inglaterra e a Alemanha em 1940. Isso permitiria que Hitler dirigisse sua agressão para a Rússia na Operação Barbarossa e vencesse a guerra. Entretanto, graças à recusa de Churchill em aceitar qualquer forma de paz ou armistício, o curso da história foi alterado. Do contrário, Hitler teria triunfado, levando à queda do mundo ocidental. Churchill desempenhou um papel crucial, sendo um instrumento que incitou a Inglaterra a persistir até que o Novo Mundo viesse em auxílio ao Velho (Buchanan, 2009, p.305).

3.3 ANÁLISE DOS DISCURSO

Como escopo para realização da análise dos discursos de Winston Churchill a presente pesquisa considerou o período de 20 de Agosto de 1940 até 8 de Outubro de 1940, por este conter

diversas fases da Batalha da Inglaterra. Os discursos a serem destrinchados serão os seguintes “*The Few*”, “*These Cruel, Wanton, Indiscriminate Bombings of London*”, “*We will all go down fighting to the end*” e “*We can take it!*”.

The Few

Este discurso foi proferido por Churchill na Câmara dos Comuns em 20 de Agosto de 1940. Nesse período o contexto sócio-histórico passado pelo povo europeu e inglês era bastante grave, a Batalha da Inglaterra atingia o clímax dos ataques feitos aos alvos navais ao sul da Inglaterra e ao canal da Mancha. A Batalha ingressava nesse momento em uma nova fase, em que os ataques aos alvos militares, como bases, indústrias aeronáuticas e aeródromos da RAF cresciam (Churchill, 2004, p. 237).

Primeiramente Churchill inicia o seu discurso realizando uma análise sob sua perspectiva do conflito atual tendo como referencial os fatos já vividos na 1º Guerra Mundial. Nesse momento ele foca na comparação entre as baixas sofridas principalmente, de modo a tentar demonstrar o bom desempenho geral das forças britânicas até então.

Embora esta guerra seja de fato apenas uma continuação da última, diferenças muito grandes em seu caráter são aparentes. Na última guerra, milhões de homens lutaram lançando enormes massas de aço uns contra os outros. "Homens e projéteis" era o grito, e a prodigiosa matança era a consequência. Nesta guerra, nada disso ainda apareceu. É um conflito de estratégia, de organização, de aparelhagem técnica, de ciência, mecânica e moral. As baixas britânicas nos primeiros 12 meses da Grande Guerra somaram 365.000. Nesta guerra, estou grato por dizer, os britânicos mortos, feridos, prisioneiros e desaparecidos, incluindo civis, não excedem 92.000, e destes uma grande proporção estão vivos como prisioneiros de guerra. Olhando mais amplamente ao redor, pode-se dizer que em toda a Europa, para cada homem morto ou ferido no primeiro ano, talvez cinco foram mortos ou feridos em 1914-15 (Churchill, 2004, p. 237, tradução nossa).

A partir dessa introdução inicial, o político inicia sua ação persuasiva com a intenção de trazer a opinião pública a acreditar no possível bom desempenho de guerra a ser obtido, uma vez que, pelas características do conflito da época, a Inglaterra, como uma nação com ideais de liberdade, tolerância e uma vontade nacional de resistência frente ao embate, obteria grande vantagem frente aos inimigos totalitários.

Estas são mudanças significativas e distintas do que muitos de nós testemunhamos na luta de um quarto de século atrás. Parece haver todas as razões para acreditar que este novo tipo de guerra é bem adequado ao gênio e aos recursos da nação britânica e do Império Britânico; e que, uma vez que estejamos devidamente equipados e adequadamente iniciados, uma guerra deste tipo será mais favorável

para nós do que os sombrios massacres em massa do Somme e Passchendaele. Se é o caso de toda a nação lutar e sofrer juntos, isso deveria nos favorecer, porque somos o povo mais unido de todas as nações, porque entramos na guerra com base na vontade nacional e de olhos abertos, e porque fomos criados na liberdade e responsabilidade individuais e somos produtos, não da uniformidade totalitária, mas da tolerância e variedade. Se todas essas qualidades forem direcionadas, como estão sendo, para as artes da guerra, podemos ser capazes de mostrar ao inimigo muitas coisas que eles ainda não pensaram. Desde que os alemães expulsaram os judeus e reduziram seus padrões técnicos, nossa ciência está definitivamente à frente da deles (Churchill, 2004, p. 239, tradução nossa).

Neste excerto, ao iniciar explicando que, devido ao fato de se estarem melhor equipados e iniciados a guerra, não restavam motivos para acreditar que os fracassos militares obtidos em batalhas anteriores, como a de Somme e Passchendaele, iriam se repetir, fica exposto características do uso da Propaganda Ofensiva proposta por Linebarger. Nesse tipo de aplicação o discursista busca fazer com que um grupo aceite uma ideia promulgada pelo emissor que, nesse caso, seria a ideia de que uma vitória por parte do povo inglês seria perfeitamente plausível. Ao se utilizar de termos que remetem a sentimentos como união e participação, como foi feito em “Se é o caso de toda a nação lutar e sofrer juntos, isso deveria nos favorecer, porque somos o povo mais unido de todas as nações, porque entramos na guerra com base na vontade nacional e de olhos abertos”, Churchill incorre no uso de uma das técnicas persuasivas propostas por Roiz, a exploração de sentimentos, como forma de fortalecer o princípio de propaganda identificado. Nesse uso da persuasão busca-se utilizar da emoção do coletivo como técnica discursiva para gerar credibilidade e apoio às ideias promulgadas pelo discursista. A escolha de trechos como “toda nação”, “somos o povo mais unido de todas as nações” e “vontade nacional” podem remeter a uma tentativa de gerar uma emoção de coletivo e de pensamento patriótico, os quais possivelmente reforçariam o apoio às ações de guerra inglesas contra os nazistas, que nesse momento sobrevoavam e bombardearam o território.

Na fase final do excerto Churchill cita diretamente o regime nazista ao exaltar que o povo inglês, oriundo de uma organização não totalitarista nutrida de liberdade e responsabilidades individuais, teria muitas qualidades a serem voltadas para a guerra, ao passo que os nazistas, por terem expulsados os judeus de seu desenvolvimento social, teriam baixados seus níveis de tecnologia, estando a Inglaterra um passo a frente da Alemanha. Fica inferido pela técnica comparativa utilizada características de uso da Propaganda de Consolidação de Linebarger como forma de reforçar o apoio a ideologia anti-nazista insitada pelas autoridades inglesas devido, naturalmente, ao período de guerra corrente. O uso de técnicas persuasivas como a da simplificação

e da desvirtuação para balizar a propaganda também são perceptíveis, pois Churchill, nesse momento, reduz a superioridade tecnológica alcançada pelos ingleses frente aos alemães apenas ao fato de os nazistas terem expulsado a expertise judia de suas linhas de produção, ficando assim menos desenvolvidos somente por esse motivo.

No prosseguimento do discurso, Winston Churchill passa a defender o Bloqueio Naval empregado pela Inglaterra frente a todos os territórios tomados pela Alemanha nazista. Fica nítido o emprego de técnicas de Contrapropaganda conceituada por Linebarger, uma vez que o autor utiliza-se de seu discurso como forma de explicar os motivos de se cessar o envio de suprimentos ao continente, uma posição naturalmente criticada pelos seus inimigos e opositores. Dessa forma, pode-se aferir a intenção de “blindar” a opinião pública contra qualquer ideologia inimiga contrária ao bloqueio, uma vez que como os nazistas haviam tomado diversos territórios produtores de alimentos, seria de sua responsabilidade a distribuição de suprimentos frente a essas terras, devendo os ingleses somente atuar em territórios amigos.

Houve muitas propostas, fundamentadas nos mais nobres motivos, de que alimentos deveriam ser permitidos a passar pelo bloqueio para o alívio dessas populações. Lamento que tenhamos que recusar esses pedidos. Os nazistas declaram ter criado uma nova economia unificada na Europa. Eles afirmaram repetidamente que possuem reservas amplas de alimentos e que podem alimentar seus povos cativos. Em uma transmissão alemã de 27 de junho, foi dito que, embora o plano do Sr. Hoover para aliviar a França, Bélgica e Holanda merecesse elogios, as forças alemãs já haviam tomado as medidas necessárias. Sabemos que na Noruega, quando as tropas alemãs entraram, havia suprimentos de alimentos para durar um ano. Sabemos que a Polônia, embora não seja um país rico, geralmente produz alimentos suficientes para seu povo. Além disso, os outros países invadidos por Herr Hitler todos tinham estoques consideráveis quando os alemães entraram e são, em muitos casos, produtores de alimentos muito substanciais. Se todos esses alimentos não estão disponíveis agora, só pode ser porque foram retirados para alimentar o povo da Alemanha e dar-lhes ração aumentada - por uma mudança - durante os últimos meses. Nesta época do ano e nos próximos meses, há menos chances de escassez, pois a colheita acabou de ser feita. As únicas agências que podem criar fome em qualquer parte da Europa, agora e durante o próximo inverno, serão as exações alemãs ou a falha alemã em distribuir os suprimentos que eles comandam. (Churchill, 2004, p. 240, tradução nossa).

Mais a frente ele discorre sobre a Batalha da Inglaterra em si, abordando principalmente a questão da possível duração do embate, que estava em suas fases iniciais e que desse modo ainda perduraria por bastante tempo, uma vez que as forças nazistas não aceitariam um resultado negativo no conflito.

A grande batalha aérea que tem ocorrido sobre esta Ilha nas últimas semanas recentemente atingiu uma intensidade elevada. Ainda é cedo para tentar estabelecer limites, seja em sua escala ou em sua duração. Certamente devemos esperar que

maiores esforços sejam feitos pelo inimigo do que os que ele fez até agora. Ainda estão sendo desenvolvidas bases aéreas hostis na França e nos Países Baixos, e o movimento de esquadrões e material para nos atacar ainda está em andamento. É bastante evidente que o Sr. Hitler não poderia admitir a derrota em seu ataque aéreo à Grã-Bretanha sem sofrer ferimentos muito graves. Se, após todas as suas bravatas e ameaças sanguinárias e relatos sombrios amplamente divulgados pelo mundo dos danos que ele infligiu, dos vastos números de nossa Força Aérea que ele derrubou, segundo ele, com tão pouca perda para si mesmo; se após histórias dos britânicos em pânico esmagados em seus buracos amaldiçoando o Parlamento plutocrático que os levou a tal situação - se após tudo isso seu ataque aéreo inteiro fosse forçado, após um tempo, a perder força, a reputação do Führer em relação à veracidade de suas declarações poderia ser seriamente questionada. Podemos ter certeza, portanto, de que ele continuará enquanto tiver forças para fazê-lo (Churchill, 2004, p. 243, tradução nossa).

Nesse trecho do discurso ao abordar sobre a duração do embate e como ele se prolongaria enquanto as forças nazistas não alcançassem seu objetivo final, Churchill apresenta características de uma Propaganda Estratégica. Nesse tipo de propaganda o objetivo é causar um efeito de longo prazo capaz de alterar pensamentos no inimigo, dessa forma, uma vez que na propaganda de guerra alemã eram divulgados relatos sobre o belo desempenho dos ataques aéreos e sobre como os nazistas haviam empregado danos às forças britânicas sem receber baixas significativas, quanto mais tempo durasse o combate maior seria a credibilidade do discurso de Churchill e a efetividade dessa forma de propaganda seria maior.

A partir de então ele aborda sobre a capacidade inglesa de manutenção no combate por aplicação das indústrias aeronáuticas e do Ministério de Produção de Aeronaves, de modo que é perceptível a divulgação do árduo trabalho empregado por este setor do esforço de guerra do governo para manter principalmente a *Royal Air Force* em condições de combate. Dessa forma, pode-se verificar uma tentativa de trazer a crença e o apoio para as ações de guerra de manutenção no combate propostas e incentivadas pelo governo, caracterizando novamente o emprego da Propaganda de consolidação.

Também deve ser lembrado que todas as máquinas inimigas e pilotos que são abatidos sobre nossa Ilha, ou sobre os mares que a cercam, são ou destruídos ou capturados; enquanto uma proporção considerável de nossas máquinas e também de nossos pilotos são salvos e, em muitos casos, logo voltam à ação. Um vasto e admirável sistema de recuperação, dirigido pelo Ministério da Produção de Aeronaves, garante o retorno mais rápido à linha de combate das máquinas danificadas e o uso mais providente e rápido de todas as peças sobressalentes e materiais. Ao mesmo tempo, o esplêndido - diria, surpreendente - aumento na produção e reparo de aeronaves e motores britânicos que Lord Beaverbrook alcançou por meio de um gênio de organização e determinação, que parece mágico, nos deu reservas abundantes de todos os tipos de aeronaves e um fluxo cada vez maior de produção tanto em quantidade quanto em qualidade. O inimigo é, é claro, muito mais numeroso do que nós. Mas nossa nova produção já, conforme fui

informado, supera em grande parte a dele, e a produção americana está apenas começando a fluir. É um fato, como vejo em meus relatórios diários, que nossa força de bombardeiros e caças agora, após toda essa luta, é maior do que nunca. Acreditamos que seremos capazes de continuar a luta aérea indefinidamente e enquanto o inimigo desejar, e quanto mais tempo continuar, mais rápida será nossa abordagem, primeiro em direção àquela paridade e depois àquela superioridade no ar sobre a qual, em grande medida, depende a decisão da guerra (Churchill, 2004, p. 244, tradução nossa).

Por fim, Churchill encerra o assunto relativo a Batalha da Inglaterra realizando um agradecimento aos aviadores britânicos e a toda força aérea, os quais nesse momento estavam imbuídos nos embates aéreos no sul do país. Nesse trecho ele proclama uma de suas frases mais famosas “Nunca antes, nos campos de conflito humano, tantos deveram tanto a tão poucos” que associado ao emprego de trechos como “A gratidão de cada lar em nossa Ilha, em nosso Império e, de fato, em todo o mundo” e tornam perceptível a utilização da exploração de sentimentos como forma de gerar uma ação persuasiva com vistas a motivar as forças britânicas para a manutenção do combate.

A gratidão de cada lar em nossa Ilha, em nosso Império e, de fato, em todo o mundo, exceto nos domicílios dos culpados, vai para os aviadores britânicos que, destemidos diante das probabilidades, incansáveis em seu desafio constante e perigo mortal, estão virando o curso da Segunda Guerra Mundial por sua habilidade e devoção. Nunca antes, nos campos de conflito humano, tantos deveram tanto a tão poucos. Todos os corações se voltam para os pilotos de caça, cujas ações brilhantes vemos com nossos próprios olhos dia após dia; mas nunca devemos esquecer que o tempo todo, noite após noite, mês após mês, nossos esquadrões de bombardeiros viajam longe até a Alemanha, encontram seus alvos na escuridão com a mais alta habilidade de navegação, direcionam seus ataques, muitas vezes sob o fogo mais pesado, muitas vezes com sérias perdas, com discriminação deliberada e cuidadosa, e infligem golpes devastadores em toda a estrutura técnica e bélica do poder nazista. Em nenhuma parte da Royal Air Force o peso da guerra cai mais pesadamente do que nos bombardeiros diurnos, que desempenharão um papel inestimável no caso de invasão e cujo zelo inflexível tem sido necessário restringir em várias ocasiões (Churchill, 2004, p. 245, tradução nossa).

These Cruel, Wanton, Indiscriminate Bombings of London

Este pronunciamento foi emitido por Churchill na Broadcast de Londres, sede da rádio BBC na Inglaterra, no dia 11 de Setembro de 1940. Nesse período houve uma significativa mudança de alvos por parte da Luftwaffe, que antes manteve seu foco em alvos militares no sul da ilha. A partir de 5 de Setembro de 1940, a força aérea alemã passou a bombardear populações civis em Londres e em cidades importantes, de modo que nesse discurso Winston Churchill expressou sua indignação acerca dos ataques recentes.

O Ministro iniciou o pronunciamento abordando a situação geral do conflito, de modo que se demonstrou otimista frente ao aumento dos ataques sofridos pelos ingleses. Ele expôs dados dos abates feitos pela defesa aérea inglesa como forma de traçar sua estratégia argumentativa inicial, defendendo o bom desempenho britânico no embate até então. Por último faz menção ao fracasso até então obtido pela Luftwaffe em garantir o domínio do ar para o início da Operação Leão Marinho.

Quando disse na Câmara dos Comuns outro dia que achava improvável que o ataque aéreo inimigo em setembro pudesse ser mais do que três vezes maior do que foi em agosto, é claro que não estava me referindo a ataques bárbaros à população civil, mas sim à grande batalha aérea que está sendo travada entre nossos caças e a Força Aérea Alemã. Você entenderá que sempre que o clima está favorável, ondas de bombardeiros alemães, protegidos por caças, muitas vezes trezentos ou quatrocentos de uma só vez, avançam sobre esta Ilha, especialmente o promontório de Kent, na esperança de atacar objetivos militares e outros durante o dia. No entanto, eles são interceptados por nossos esquadrões de caça e quase sempre dispersados; e suas perdas têm uma média de três para um em aeronaves e seis para um em pilotos. Esse esforço dos alemães para garantir a supremacia aérea diurna sobre a Inglaterra é, é claro, o cerne de toda a guerra. Até agora, fracassou conspicuamente. Custou-lhes muito caro, e nos sentimos mais fortes, e na verdade somos relativamente muito mais fortes, do que quando os combates intensos começaram em julho. Não há dúvida de que o Sr. Hitler está utilizando sua força de caça a um ritmo muito alto, e se continuar por mais algumas semanas, ele vai desgastar e arruinar essa parte vital de sua Força Aérea. Isso nos dará uma grande vantagem (Churchill, 2004, p. 250, tradução nossa).

No decorrer do discurso, ele argumenta sobre a preparação das tropas inimigas para um possível ataque à ilha da Grã-Bretanha e foca em alertar a opinião pública sobre a importância histórica do momento em questão. A partir de então ele foca em expor os preparativos ingleses para suportar uma possível invasão, sendo perceptível a tentativa de trazer o apoio e a crença popular às forças armadas inglesas, caracterizando o uso da Propaganda Defensiva, como forma de manter a fé popular na instituições de defesa inglesas.

Portanto, devemos considerar a próxima semana como um período muito importante em nossa história. Ela se equipara aos dias em que a Armada Espanhola se aproximava do Canal, e Drake terminava seu jogo de bowls; ou quando Nelson se interpôs entre nós e o Grande Exército de Napoleão em Boulogne. Já lemos tudo sobre isso nos livros de história; mas o que está acontecendo agora é em uma escala muito maior e de muito mais consequência para a vida e o futuro do mundo e sua civilização do que esses bravos dias do passado. Nunca Desista! Portanto, cada homem e mulher se preparará para cumprir seu dever, seja qual for, com orgulho e cuidado especiais. Nossas frotas e flotilhas são muito poderosas e numerosas; nossa Força Aérea está na sua maior força já alcançada, e está consciente de sua superioridade comprovada, não apenas em números, mas em homens e máquinas. Nossas costas estão bem fortificadas e fortemente guarnecidas, e atrás delas, prontos para atacar os invasores, temos um exército móvel muito maior e melhor equipado do que jamais tivemos antes. Além disso, temos mais de um milhão e

meio de homens da Guarda Nacional, que são tão soldados do Exército Regular quanto os Guardas Grenadier, e que estão determinados a lutar por cada centímetro de terreno em cada vila e em cada rua. É com confiança devota, mas certa, que digo: Que Deus defenda o Direito (Churchill, 2004, p. 252, tradução nossa).

No prosseguimento do pronunciamento, Churchill posicionou-se veementemente contra a postura alemã em realizar bombardeios em populações civis. Como estratégia argumentativa, ele se utiliza da exploração de sentimentos e da exploração do contágio psíquico, sendo perceptível pelo uso de expressões como “Esses bombardeios cruéis, indiscriminados e gratuitos em Londres”, “Pouco ele sabe sobre o espírito da nação britânica” e “Esse homem perverso, o depositário e personificação de muitas formas de ódio destruidor da alma”. Churchill utiliza-se do sentimento de revolta possivelmente gerado pela destruição de alvos civis e da coerção social gerada para causar um elemento motivador em seu discurso, de modo a reforçar sua liderança frente ao momento delicado da guerra.

Esses bombardeios cruéis, indiscriminados e gratuitos em Londres são, é claro, parte dos planos de invasão de Hitler. Ele espera, ao matar grandes números de civis, mulheres e crianças, aterrorizar e subjugar o povo desta poderosa cidade imperial e torná-los um fardo e uma ansiedade para o Governo, distraindo assim nossa atenção de forma indevida do feroz ataque que ele está preparando. Pouco ele sabe sobre o espírito da nação britânica, ou sobre a fibra resistente dos londrinos, cujos antepassados desempenharam um papel importante no estabelecimento das instituições parlamentares e que foram criados para valorizar a liberdade muito acima de suas vidas. Esse homem perverso, o depositário e personificação de muitas formas de ódio destruidor da alma, esse produto monstruoso de erros e vergonhas passados, agora resolveu tentar quebrar nossa famosa raça insular por meio de um processo de massacre e destruição indiscriminados. O que ele fez foi acender um fogo nos corações britânicos, aqui e em todo o mundo, que arderá muito tempo depois que todos os vestígios do incêndio que ele causou em Londres forem removidos. Ele acendeu um fogo que queimará com uma chama constante e consumidora até que os últimos vestígios da tirania nazista tenham sido erradicados da Europa, e até que o Velho Mundo - e o Novo - possam se unir para reconstruir os templos da liberdade e da honra humana, sobre bases que não serão facilmente derrubadas (Churchill, 2004, p. 252, tradução nossa).

Por fim, o político encerra seu discurso novamente explorando elementos motivadores no discurso. Ele elogia a tenacidade e resiliência do povo londrino por suportar os ataques alemães por um período tão longo, valendo-se da utilização de diversos verbos na primeira pessoa do plural como forma de reforçar o sentimento patriótico já reinante na população, caracterizando-se o emprego da ação persuasiva do apoio a atitudes preexistentes.

Todo o mundo que ainda é livre admira a compostura e a fortitude com que os cidadãos de Londres estão enfrentando e superando a grande provação a que estão sujeitos, cujo fim ou severidade ainda não podem ser previstos. É uma mensagem

de bom ânimo para as nossas Forças combatentes nos mares, no ar e em nossos exércitos esperando em todos os seus postos e estações, que enviamos a partir desta capital. Eles sabem que têm por trás de si um povo que não recuará ou se cansará da luta - embora dura e prolongada; mas que, pelo contrário, tiraremos do próprio coração do sofrimento os meios de inspiração e sobrevivência, e de uma vitória conquistada não apenas para nós mesmos, mas para todos - uma vitória conquistada não apenas para o nosso tempo, mas para os longos e melhores dias que estão por vir (Churchill, 2004, p. 253, tradução nossa).

We will all go down fighting to the end

Este discurso foi proferido por Churchill na Câmara dos Comuns no dia 17 de Setembro de 1940. Naquele momento a Batalha da Grã-Bretanha atingia seu ápice de modo que as reservas e o esforço de guerra britânico estavam todos muito sobrecarregados, buscando manter o apoio aos embates e a capacidade da manutenção no conflito. Tendo na semana anterior efetuado um grande pronunciamento à BBC (11 de setembro de 1940), no qual o 1º Ministro expôs a situação atual da guerra, Churchill aborda com franqueza em sessão secreta aos políticos ingleses sobre a possibilidade da progressão da Operação Leão Marinho.

Inicialmente Churchill expõem aos parlamentares a real situação encontrada no conflito, abordando os aspectos do posicionamento das tropas alemãs para a possível invasão que se procederia. O Ministro aborda os dados de inteligência à respeito do exército de invasão nazista que se posicionava. Por meio dos dados expansivos apresentados ao parlamento, Churchill busca atentá-los para o momento crítico que se seguia no embate. Possivelmente o uso desses dados foi utilizado como forma de gerar uma reação de aflição e receio, trazendo à tona sentimentos como medo e preocupação, sendo isso perceptível a partir do uso de expressões como “Estas próximas semanas são graves e ansiosas” e “Se tudo isso for apenas uma pretensão e estratégia para nos prender aqui, foi executado com surpreendente minúcia e em uma escala gigantesca”.

Estas próximas semanas são graves e ansiosas. Eu disse agora na Sessão Pública que o desdobramento das preparações de invasão do inimigo e a montagem de seus navios e barças estão progredindo constantemente, e que a qualquer momento um grande ataque pode ser lançado nesta ilha. Agora digo em segredo que mais de dezessete centenas de barças auto-propelidas e mais de duzentos navios de alto mar, alguns muito grandes, já estão se reunindo nos muitos portos de invasão na ocupação alemã. Se tudo isso for apenas uma pretensão e estratégia para nos prender aqui, foi executado com surpreendente minúcia e em uma escala gigantesca. Alguns desses navios e barças, quando atingidos por nosso contra-ataque e ataque preventivo de bombardeio, explodiram com tremendas explosões, mostrando que estão totalmente carregados com todas as munições necessárias para os exércitos invasores e para nos derrotar e nos subjugar completamente. O transporte disponível e agora reunido é suficiente para

transportar em uma viagem quase meio milhão de homens. (Churchill, 2004, p. 254, tradução nossa).

Dessa forma, tendo inicialmente realizado a exposição desses dados, Churchill elucida as ações tomadas pelo governo. Fica nítido, portanto, o uso da exploração do contágio psíquico de Roiz, uma vez que buscou-se primeiramente gerar um sentimento de preocupação e atenção aos dados expostos para após apresentar as ações tomadas pelo governo como possíveis soluções, de modo a tentar gerar uma anuência e aprovação as medidas apresentadas. A utilização das expressões como “o setor mais provável de invasão é quase tão longo quanto toda a frente na França dos Alpes ao mar” e, principalmente, “As dificuldades do invasor não terminam quando ele põe os pés em terra. Um novo capítulo de perigos se abre para ele” tornam evidente a tentativa de demonstrar força por parte do representante do poder executivo inglês à Câmara dos Comuns, com vistas a obter o apoio político do legislativo.

Devemos, é claro, esperar que muitos se afoguem no caminho e destruir uma grande proporção de suas embarcações. Mas quando você reflete sobre os muitos pontos de onde poderiam partir, e sobre o fato de que até mesmo o setor mais provável de invasão, ou seja, o setor onde o apoio de caças inimigos está disponível para seus bombardeiros e mergulhadores, estendendo-se desde o Wash até a Ilha de Wight, é quase tão longo quanto toda a frente na França dos Alpes ao mar, e também sobre os perigos da névoa ou névoa artificial, deve-se esperar muitos desembarques ou tentativas de desembarque em nossa ilha simultaneamente. Esses esperamos lidar à medida que ocorrerem, e também cortar o fornecimento através do mar pelo qual o inimigo buscará alimentar seus desembarques. As dificuldades do invasor não terminam quando ele põe os pés em terra. Um novo capítulo de perigos se abre para ele. (Churchill, 2004, p. 254, tradução nossa).

Como término do discurso, Churchill apresenta novamente o elemento motivador, discursando aos políticos presentes que tem a certeza de que a Inglaterra sairá vitoriosa do conflito como foi discursado em “Estou confiante de que conseguiremos derrotar e em grande parte destruir este mais tremendo ataque pelo qual estamos agora ameaçados, e de qualquer forma, aconteça o que acontecer, todos nós iremos lutar até o fim”.

We can take it!

Esse discurso foi proferido por Churchill no dia 8 de Outubro de 1940 na Câmara dos Comuns. Nesse discurso a batalha se seguia para sua fase final, em que a Alemanha mantinha bombardeios às cidades britânicas, porém não com a força empregada em fases anteriores, sendo perceptível o término do emprego dos bombardeiros leves, restando primordialmente o uso de aeronaves de bombardeio de longo alcance. Além disso, a Operação Leão Marinho já havia sido

adiada por Hitler desde 17 de Setembro. Nesse discurso Churchill busca manter o nível de atenção alto, mesmo com o conflito em vias de atingir suas fases finais.

Churchill inicia seu discurso expondo as premissas e prerrogativas adotadas e buscadas por Hitler desde o início dos bombardeios realizados as principais cidades inglesas, principalmente Londres, de modo que o 1º Ministro relembra a promessa que Hitler em um de seus discursos fez aos seus apoiadores em “Ele declarou em seu discurso de 4 de setembro que arrasaria nossas cidades até o chão, e desde então tem tentado cumprir seu terrível propósito”. A partir desta afirmação, fica nítido ao decorrer do pronunciamento o uso constante da Contrapropaganda proposta por Linebarger, de modo que Churchill tenta rebater a ideia de uma invasão bem sucedida à ilha da Grã-bretanha defendida por Hitler, realçando em diversos momentos ao longo do discurso as falhas nazistas. Sendo assim, nesse excerto inicial Churchill traz à tona a retirada dos bombardeiros leves dos embates aéreos e a possibilidade de diminuição de surtidas diárias dos bombardeiros de longo alcance, caracterizando um enfraquecimento da frota alemã.

Um mês se passou desde que o Senhor Hitler voltou sua raiva e malícia contra a população civil de nossas grandes cidades e especialmente de Londres. Ele declarou em seu discurso de 4 de setembro que arrasaria nossas cidades até o chão, e desde então tem tentado cumprir seu terrível propósito. Naturalmente, a primeira pergunta que devemos fazer é até que ponto toda a força de bombardeio alemã foi implantada. Vou dar à Casa a melhor opinião que consegui formar sobre o que é necessariamente, em algum grau, uma questão de especulação. Após sua severa derrota em 15 de agosto, os bombardeiros de mergulho de curto alcance alemães, dos quais há vários centenas, foram cuidadosamente mantidos fora dos combates aéreos. Isso pode ser, é claro, porque estão sendo mantidos em reserva para que possam desempenhar seu papel em um plano geral de invasão ou reaparecer em algum outro teatro de guerra. Portanto, tivemos que lidar apenas com os bombardeiros alemães de longo alcance. Parece que, considerando o dia e a noite juntos, quase 400 dessas máquinas têm, em média, visitado nossas costas a cada 24 horas. Temos dúvidas se essa taxa de ataque sustentado poderia ser muito excedida... (Churchill, 2004, p. 255, tradução nossa).

Dando continuidade ao discurso, Churchill mantém sua comunicação persuasiva tentando retomar um sentimento patriótico por meio de expressões como “Nem por danos materiais nem por massacre o povo do Império Britânico será desviado de seu propósito solene e inexorável”, “Por todos os lados, há o grito, 'Nós aguentamos', mas com isso, há também o grito, 'Dê-lhes o troco'” e por meio da citação de sua visita às vítimas mais afetadas dos bombardeiros, de modo que fica perceptível novamente o uso da exploração de sentimentos de Roiz como arma persuasiva para fortalecer o emprego da Contrapropaganda.

Nem por danos materiais nem por massacre o povo do Império Britânico será desviado de seu propósito solene e inexorável. É prática e, em alguns casos, dever de muitos dos meus colegas e muitos membros da Casa visitar os cenários de

destruição o mais rapidamente possível, e eu mesmo vou de tempos em tempos. Em toda a minha vida, nunca fui tratado com tanta gentileza quanto pelas pessoas que mais sofreram. Pensaria-se que tínhamos trazido algum grande benefício para eles, em vez do sangue e lágrimas, do trabalho e suor, que é tudo o que já prometi. Por todos os lados, há o grito, 'Nós aguentamos', mas com isso, há também o grito, 'Dê-lhes o troco'... (Churchill, 2004, p. 255, tradução nossa).

A seguir Churchill passa a citar alguns elementos que favorecem a Inglaterra no conflito como a meteorologia e o recrutamento de mais de 1.700.000 homens para a Guarda Nacional, no entanto pede para que ainda seja mantido um nível alto de atenção para as ameaças restantes, ressaltando a todos que os conflitos ainda não haviam terminado.

Enquanto isso, o que aconteceu com a invasão que nos foi prometida todos os meses e quase todas as semanas desde o início de julho? Não nos deixemos iludir pensando que o perigo passou. Pelo contrário, a vigilância incansável e o rápido e constante fortalecimento de nossas Forças por terra, mar e ar que está em andamento deve ser mantido a todo custo. Agora que estamos em outubro, no entanto, o clima se torna muito incerto, e não há muitos intervalos lúcidos de dois ou três dias seguidos nos quais barcaças fluviais possam cruzar os mares estreitos e desembarcar em nossas praias. Ainda assim, esses intervalos podem ocorrer. Névoas podem ajudar o inimigo. Nossos Exércitos, que estão continuamente crescendo em números, equipamentos, mobilidade e treinamento, devem ser mantidos durante todo o inverno, não apenas ao longo das praias, mas em reserva, pois a maioria está, como leopardos agachados para saltar na garganta do invasor. O inimigo certamente preparou embarcações e barcaças suficientes para lançar meio milhão de homens em uma única noite nas águas salgadas - ou dentro delas. A Guarda Nacional, que agora totaliza 1.700.000 homens, deve cuidar de suas armas e afiar seus baionetes... (Churchill, 2004, p. 256, tradução nossa).

Por fim Churchill encerra seu discurso novamente recorrendo a exploração do sentimento patriótico para fortalecer seu elemento contra-propagandístico e para lembrar o então fracasso nazista na Operação Leão Marinho. Ele frisa também a importância de uma vitória inglesa no corrente conflito como uma salvação para a “escuridão da Europa” tomada pelo regime nazista como é percebido em

Porque nos sentimos mais aliviados em nós mesmos e vemos nosso caminho mais claramente através de nossas dificuldades e perigos do que há alguns meses, porque países estrangeiros, amigos ou inimigos, reconhecem a força gigante, duradoura e resiliente da Grã-Bretanha e do Império Britânico, não vamos perder, nem que seja por um momento, o senso dos terríveis riscos em que estamos. Morte e tristeza serão os companheiros de nossa jornada; a adversidade será nossa vestimenta; constância e valor serão nosso único escudo. Devemos estar unidos, devemos ser destemidos, devemos ser inflexíveis. Nossas qualidades e feitos devem queimar e brilhar através da escuridão da Europa até se tornarem o verdadeiro farol de sua salvação (Churchill, 2004, p. 256, tradução nossa).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta pesquisa foi realizado uma análise dos discursos de Winston Churchill no recorte temporal da Batalha da Inglaterra, com vistas a verificar como os discursos políticos podem estar arraigados a medidas de persuasão e de guerra psicológica, de modo a identificar em que medida esses conceitos marcaram os discurso e pronunciamentos de Churchill.

Sendo assim o corrente trabalho utilizou-se da metodologia proposta por Thompson, a Hermenêutica de Profundidade, para realizar os estudos frente aos pronunciamentos. Foi possível verificar então que a referida metodologia mostrou-se um excelente método de análise textual, o qual tornou possível uma análise mais humana dos fatos abordados nas falas do 1º Ministro inglês, levando em consideração todo o contexto sócio-histórico dos fatos abordados. Além disso foi possível aplicar a interpretação a partir da lente da Guerra Psicológica de forma gradual e fragmentada, analisando trecho a trecho os discursos de Churchill, facilitando a identificação dos resultados obtidos. Em suma, o uso da técnica de reconstrução dos contextos de produção e recepção das formas simbólicas, propostos pela hermenêutica, ampliou a percepção sobre o uso da comunicação política em períodos de conflito.

A partir das análises realizadas, foi possível concluir que Churchill soube utilizar sua retórica persuasiva para transmitir mensagens motivadoras ao povo inglês, ressaltando a necessidade de coragem, determinação e resiliência necessárias para o contexto de guerra enfrentado na época. Foi muito presente nos discursos o uso principalmente da exploração de sentimentos e a exploração do contágio psíquico, sendo essas formas de persuasão empregadas na fala do político para gerar identidade nacional, patriotismo e união, com vistas a criar uma conexão emocional com a audiência e fortalecer a adesão às ideias e objetivos propostos.

Por conseguinte, ficou evidente também o uso de elementos de guerra psicológica nas falas de Churchill, de modo que houve principalmente o emprego da propaganda defensiva, na qual o político buscou reforçar os valores e tradições britânicas já existentes, destacando a necessidade de manutenção da liberdade e da soberania nacional, com vistas a reforçar o apoio interno às medidas de resistência contras as investidas inimigas. Além disso, o 1º Ministro Britânico adotou também técnicas de contrapropaganda em seus pronunciamentos como estratégia para desacreditar a narrativa inimiga de que seria possível uma invasão rápida e eficaz à ilha bretã. Ao expor essas distorções propagandísticas e a mentiras alemãs, Churchill buscou minar a credibilidade inimiga, fortalecendo a credibilidade na causa inglesa.

Portanto, ao término das análises feitas ficou evidente como a comunicação política pode ser uma poderosa ferramenta em contextos de conflito. Através da persuasão e da guerra psicológica, Churchill conseguiu mobilizar a população e fortalecer o espírito de resistência, contribuindo significativamente para o desfecho vitorioso da Batalha da Inglaterra. Sendo assim, os discursos de Churchill no recorte dos ataques aéreos à Grã-Bretanha representam um exemplo emblemático de como as comunicações de massa podem formar uma arma poderosa em tempos de guerra, capaz de moldar as percepções, opiniões e ações de uma população ou sociedade frente a momentos de dificuldade extraordinária.

Por fim, para expandir ainda mais os conhecimentos a respeito de técnicas de comunicação em massa, persuasão e guerra psicológica, seria interessante a execução de novas pesquisas sobre discursos de outros líderes políticos atuais e do passado, além do estudo de outros tipos de propaganda e técnicas retóricas em momentos conflituosos, de modo que o uso da hermenêutica configura uma boa ferramenta para tal. Dessa forma, a ampliação dos estudos nessa área pode proporcionar importantes *insights* sobre o uso das comunicações de massas para criação de narrativas de guerra e influência em populações.

REFERÊNCIAS

- ARAÚJO, Carlos Alberto. A pesquisa norte-americana. Teorias da comunicação: conceitos, escolas e tendências. **Petrópolis: Vozes**, p. 119-130, 2001.
- BRASIL. Ministério da Defesa. Comando da Aeronáutica. Portaria nº 278/GC3, de 12 de novembro de 2020. Aprova a reedição da DCA 1-1, que dispõe sobre a Doutrina Básica da Força Aérea Brasileira. **Boletim do Comando da Aeronáutica**, Rio de Janeiro, 2020.
- BUCHANAN, Patrick J. **CHURCHILL, Hitler. a guerra desnecessária**. 1ª ed. Nova York: Crown Publishers New York, 2009. 352 p.
- CHURCHILL, Winston S. **Never Give In!: Winston Churchill's Speeches**. 2ª ed. Londres: Pimlico, 2004. 529 p.
- DA COSTA, Alexandre Andrade. Londres sob Bombardeios Alemães: uma série de Ralph Ingersoll no jornal O Estado de S. Paulo (1940-1941). **Patrimônio e Memória**, São Pulo, v. 8, n. 2, p. 128-147, 2012.
- ENRIGHT, Dominique. **A verve e o veneno de Winston Churchill**. 1ª ed. Rio de Janeiro: Odisséia, 2009. 162 p. Disponível em: <https://plataforma.bvirtual.com.br/Acervo/Publicacao/24476> Acesso em 19 ago. 2023.
- FIELDS, Geoffrey. Nights underground in darkest London: the Blitz, 1940–1941. **International Labor and Working-Class History**, New York, v. 62, p. 11-49, 2002.
- GRIESS, Thomas E.; BUELL, Thomas B. **The Second World War: Europe and the Mediterranean**. 1ª ed. Garden City: Square One Publishers, Inc., 2002. 429 p. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?id=HP3-9NNz71sC&lpg=PP10&ots=1EKqwEPyIu&dq=thomas%20e%20griess&lr&hl=pt-BR&pg=PP10#v=onepage&q=thomas%20e%20griess&f=false> Acesso em 18 ago. 2023.
- KÜHN, Adriana. **Guerra e persuasão: estudo de caso da operação psicológica do exército brasileiro no Haiti**. 2006, 112 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação Social)- Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2006.
- LINEBARGER, Paul MA; **Guerra Psicológica**. Tradução Major Octavio Alves Velho. 12ª ed. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1962. 535 p.
- ROIZ, Miguel. **Técnicas modernas de persuasión**. Madrid: Eudema, 1996. 118 p.
- ROSA, Carlos Eduardo Valle. **Poder Aéreo: guia de estudos**. 1ª ed. Rio de Janeiro: Editora Luzes, 2014. 470 p.

THOMPSON, John B. **Ideologia e cultura moderna:** Teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa. 9ª ed. Petrópolis: Vozes, 2011. 427 p.